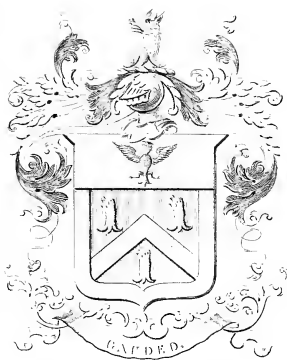
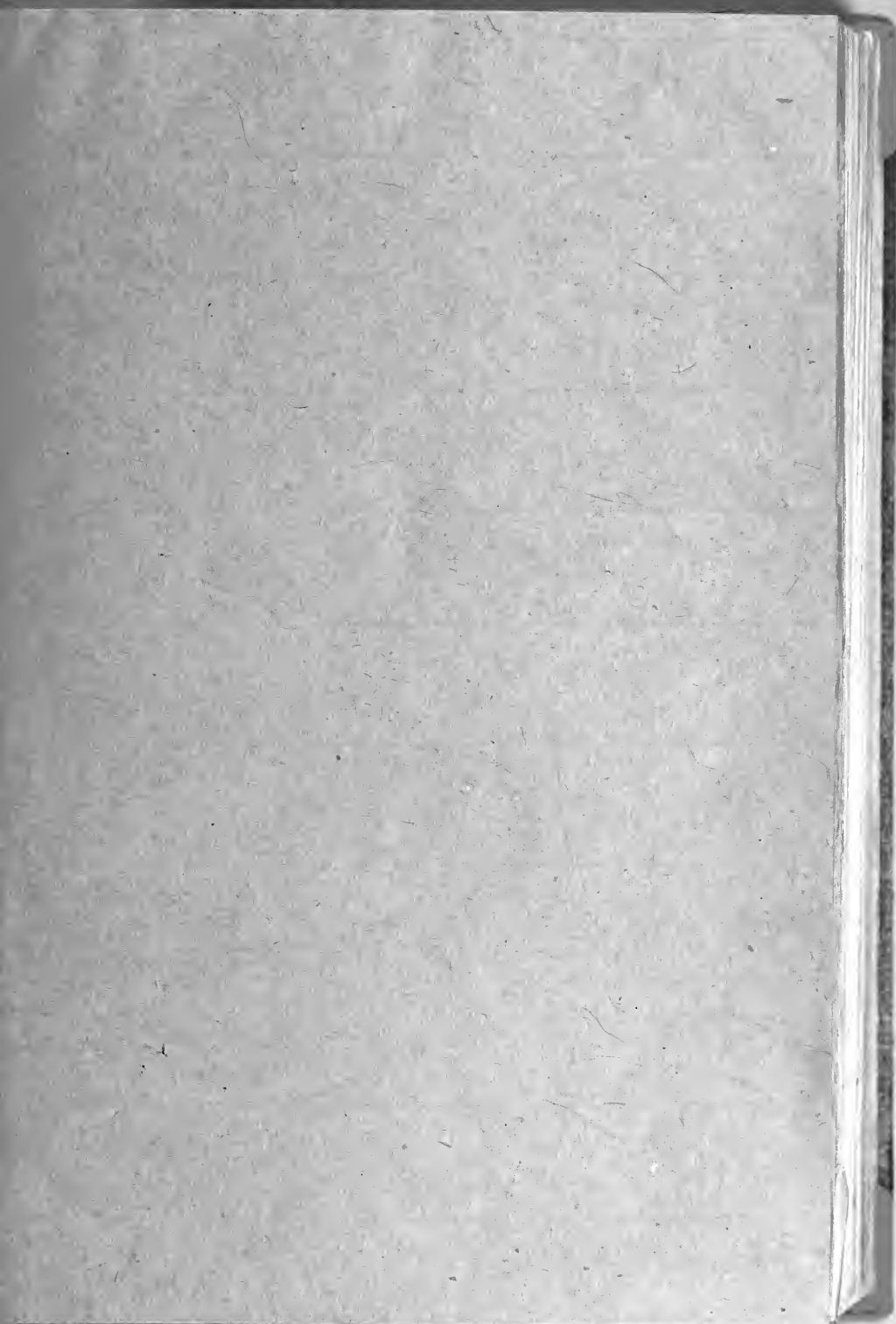
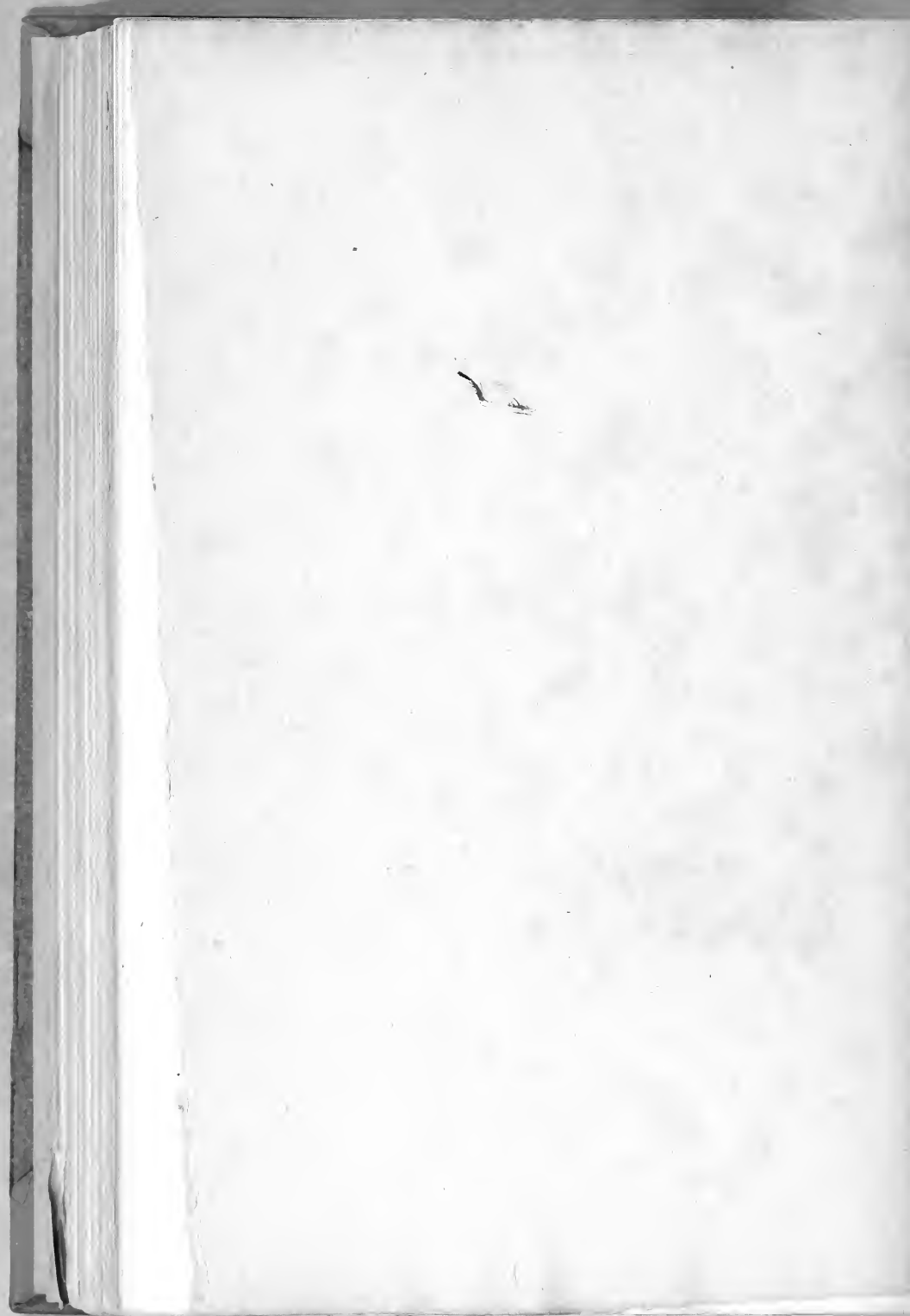


Am Philoso Society



John Carter Brown
Library
Brown University





Illustrissimos Srs. Redactores do Diario Fluminense.

Circulated June 21. 1824

Tudo o homem para quem PATRIA não he hum titulo vão, nem objecto indifferente. busca de quando em quando saber como se portão aquelles a quem he confiada a direcção dos estabelecimentos nacionaes, maiormente nos ramos em que consiste a segurança, e defeza do paiz a que se pertence: e assim como qualquer cidadão tem direito a vigiar sobre a vida publica dos funcçionarios, e até (1) os crimes a reprobar-lhes; tambem quando a intriga, ou separadamente alguma das paixões, que a promovem, tentam denegrir com calumnias quem desempenha as suas obrigações, parece que lhe pertence dar testemunho de verdade rebatendo accusações falsas, e mostrando que a mesma lingua, que sabe culpar o denunciado, ou pôr patentes os vicios do previcador, sabe igualmente defender o innocente, e destruir iniquações alevosas. Não quero dizer que esta ultima circunstancia seja applicavel ao Redactor da *Estrella*, em quem vou entreter-me; mas escapando della, curso fica em levandade, por não se informar bem os objectos, de que trata na sua folha, cautela que viera ter para não ser pillado na falcatrua de progar noticias sem fundamento, nem apontar defeitos, que não existem, cobrindo-se para isto com o manto do patriotismo; roupa, que na sceu universal do grande theatro do mundo serve (segundo a occasião) tão bem aos actores, que marcos sobre altos cothurnos, como aos que atravessam o prosencio com baixo socco.

Constando-me pois que huns trez numeros da *Estrella* fallavão do importantissimo objecto *Marinha*, curei vê-los, apesar da repugnancia, que de alto tempo a esta parte sinto contra a leitura de listas de certa estofa, maxime quando se ouem de tão solidas idéas, que igualão v. gr. a *Asphéa* Constituinte de hum Nação, a *Camaras* de outros de outras; e considerando bem quanto diz o 76 desse Periodico, primeiro em q. o seu *Repblicano* na materia, (2) conclui que o pouco que se era fazer o paralelo do passado Ministerio, e do actual, dispendendo a mãos largas com *quidam* *estrelas* louvores de *eurgin*, e *movimento*, e com muita valida censura de achar-se *supellido* *n'a specie de lethargo*. Falla da N.º Pedro I.º sem informarlo, que ao mesmo tempo, pouco ou menos que isso escrevin, estava ella fazendo *concerto*; donde inferimos que teve noticias *concerto* de que ella precisava, talvez peccatos, que nos consta terem havido de não se em estado de salvar quando os festejos pelo cento do Projecto de Constituição adoptado, e decido por Lei fundamental do Imperio: a N.º porque o Ministerio no seu *lethargo* não tem, do cremos, a boca aberta para engulir araras; esse *grande concerto*, porque o não careta antes por haver já feito o preciso, achase e no Poço.

Os outros pontos, que se têm nesse art. *Marinho* N.º 76 merecem igualmente ser contras: e sem que se julgue acrimonia, mas sim a verdade, lhe responderemos, para que o Redactor da *Estrella*, e muito mais o Publico, da mesma verdade todos somos devedores, certos que para nós já ha muito que passamos dos prestijios, e que obras, e não pade que aproveitão em materias de certa natureza para não anteciparmos a occasião em

que talvez isso venha a pello, segundo a frase usual, memoremos o que dizem os outros N.ºs desse Periodico, o 86 e 88.

Ha com effeito de Lisboa as noticias, que a *Estrella* refere; mas sem receio do anathema, que em geral para todo o Cidadão fulmina a *Estrella*; sem que deichemos de censurar algum descuido em providencias, cazo de have-lo, permitta-nos o Redactor desse Periodico não nos alistarmos em o numero dos facéis crentes á cerca de expedicoes para o Brasil, ou ao menos não temos las; isto ainda independente de outras raseons (e que não faltão) mas pelo que adiante em o N.º 86 se acha escrito, isto he, porque os *negocios interiores de Portugal estão bem longe de se pacificar*, vindo nui a proposito lembrar-nos o que succedeo em Cadiz quando ao commando do Conde de Abisbal se acantonavão tropas, e se destinava hum expedicoes para o sul da America. Demais, se o Sr. D. João 6.º se acha n'uma *verdadeiro estado* (3) de *opressão*: se os seus (4) *inimigos tem chegado ao atrevimento de proclamar a Regencia da Sra. D. Carlota*; se em duas palavras, tudo em Portugal se acia em combustão, que optimo momento de expedicoes para o Brasil...! E por fim depois do cuidado atterrador com que tas novidades são dadas ao Publico: finalmente *post tantos labores*, *nascetur ridiculus mus*, convenia a saber, sete ou oito mil homens; para o vasto continente do Brasil; para dezanove Provincias do seu Imperio... risum tenatis?

Põe o Gabinete Portuguez fazer com effeito alguma *tentativa desesperada* contra o Brasil; mas lembra á *Estrella*, que ainda quando fossem quadrapla as forças da expedicoes, esta sempre terminaria por hum *catastro*, pois como disse o celebre Bonaparte, *tudo o exercito para o qual não se recrutat acaba infalivelmente por capitular mais tarde, ou mais cedo*. Ora Portugal está em circunstancias de recrutar para hum exercito no Brasil? Está Portugal em circunstancias de repetir esforços? E sobre tudo, conservar se hão as coizas desse attenuado Reino no estado actual, sem passarem pelos diferentes aspectos politicos, que lhe ha de fazer tomar a fermentação interna em que se acia?

Estas pequenas considerações sirvão (e devem servir a todo o que não der com as portas do entendimento no rosto á reflexão) para acalmar a agitação, que tem causado as noticias dadas pela *Estrella* de hum modo tal, que apesar da sua persuasão de não ser (5) *alarmista*, parece ter sido de proposito para atterrar.

Concidadãos, lembre-nos que o nosso estado não he peor que o da America do Norte quando disse á Metropole eterno adeus; e agora o que são os meios de Portugal comparados com os da Inglaterra? E que distancia, pois tambem deve entrar em linha de conta, he a relativa entre Portugal, o Brasil, Grã Bretanha, e a patria de Wasingthon?

(3) *Será pelas gloriosas e sublimas Cortes, Senhor Reductor da Estrella? Aquellas Cortes, aquellas Cortes... enfim, veja se conversa a respeito dellas com Jeremias Bentham: ingeito de quem julgo tem que aprender toda a rícuca dos Escriitores d' Etoiles*

(4) *Serão os Constitucionaes...! Quem são, dicant Paduani.*

(5) *Muito deve o idioma a este classico, porque assim o enriquece: he lastima que o ultravidissimo, e ignorantissimo Padre Francisco Manoel do Nascimento*

) Bem entendido aonde a sociedade não das duas classes = Senhor, e escravos.
) E se nisto me equivoquei, tenho mais com- no engano

O Brasil já não pôde ser senão Imperio independente, e livre e.... *redire sit nefas*; sejam quaes forem as desesperadas tentativas do Gabinete Portuguez: esse optimismo do edificio Independencia perentendo pela *Estrella*, quero dizer, a gloria de nos podermos lisongear de não existir huma unica bayoneta desde o Amazonas até o Prata he pertença igual á de todos os optimistas. Dos combates he que sahe o valor acrisollado: quem sabe se ter o Brasil que attender á expulsão de inimigos externos, não será talvez hum bem real para trazer a hum centro de união, e congraçar algumas opinioens desvaíradas, que entregues ao progresso de seus elementos, tristonha face ainda tomarão!

Desculpe-se esta apostrophe; voltarei á *Estrella*. Em o N.º 76 tudo no Ministerio de Marinha:

parece sepellido n'uma especie de (6) lethargo: em o N.º 88 o apostolo Redactor nos prega ser tempo de acordar; de somno surge; e no seu N.º 88 he o accusado de lethargo, homem honrado, de caracter bem conhecido e justamente apreziado; e finalmente o que ninguém esperava, S. Excellencia o Ministro de Marinha sem muita energia, e muitos (7) talentos para com sabedoria &c. &c. Ora Sr. Redactor da *Estrella*, como se compadecem, energia com lethargo e com o seu sermão de ser ja tempo de acordar? Isto se não he fineza de bel esprit, que será se não fazer figas ao bom senso!

Ha hum anno, diz a *Estrella*, a (8) Marinha Portugueza fugia diante da nossa; ha hum anno tudo era actividade e audacia da nossa parte, e da outra a negligencia e pusilanimidade: oh gloria decantada pela *Estrella*, ser audaz com quem he pusilanime!

A actividade (9) por este Sr. Redactor tão celebrada, reduz-se, para dar-lhe o titulo proprio, á *azáfama* com que se mandarão daqui para a Bahia as embarcações de que se compoz a força naval de Lord Cochrane; mas sem previas disposições para disciplina; sem ordem; sem methodo de serviço; sem ajustes claros e legaes, e finalmente... sem instrucções: que prodigio de actividade!

Teria o Marquez do Maranhão ordens para não atacar as embarcações de guerra Lusitanas? Livrenos Deos de o pensar do passado Ministerio. Duvidará alguém do valor do Primeiro Almirante? Provava tem que o abonão. Então porque motivo se fizeram só prezas nos indefesos mercantes, que não tinham artilheria com que retribuir no ataque, e as embarcações de guerra do commando de João Felix (apezar do que delle diz a *Estrella*) e que tambem se dispersarão, lá se forão para Lisboa desempenhando adverbialmente o cognome do seu commandante? A pericia, e coragem dos Officiaes Ingleses a nosso serviço somente soube empregar a sanha contra quem hia desarmado? Quando esperavamos a gloria (e esta não he das que a *Estrella* canta) de ver ao menos parte das forças navaes Portuguezas neste Porto (o que era para nós dupla vantagem, pois as nossas forças se augmentavão, e se diminuão as do inimigo) só vemos prezas de gente, que não tinha com que brigar! E o que he mais ainda, por isto tere o Brasil que fazer novos dispendios para re-exportar os prisioneiros. Attentem pois no referido todos os leitores, e cada hum, como quizer, escolha entre as duas partes deste dilemma; ou a Esquadra, que daqui sahio não hia em estado de bater-se, fosse o motivo qual fosse, que o devemos sempre referir á actividade, e movimento do Ministerio; ou se o hia, Lord Cochrane, e os Officiaes Commandantes

das embarcações saltarão (o que não supponho) ao que devião, e que tanto desejavamos (10)

A' final, levando-nos a curiosidade a indagar que procedimentos tem sido os do presente Ministerio de Marinha para conhecer como era isso de lethargo, visto não haverem já mysterios em certas coizas, que até pensar nellas n'outro tempo fora crime imperdoavel, alcançamos saber das seguintes providencias da vel, e extirpar abusos he muito mais difficil que desordens anteriores; e note-se, que restabelecer ordem, e erigir logo com methodo novos estabelecimentos.

Foi necessario reforçar o bloqueio de Montevideo expedio-se logo ordem por Portaria de 20 de Novembro para (11) annar a Curveta Maria da Gloria a qual sahio nos principios de Dezembro levando além da sua gente de guarnição, marinheiros para reforçarem a Esquadra do Rio da Prata.

Não se havião dado aos Officiaes da Esquadra Regimentos nem Artigos de Guerra para por elle regular o serviço, e serem punidos os réos, regulando-se tudo pelo arbitrio dos Commandantes. (Que dor! Oh miseria de hum Ministro digno de ter assento no Divan, pois nem te aproveitavamos exemplo do Augusto Imperador a Quem servias que nos consta repetir por muitas vezes estas verdadeiras palavras, *nos legem habemus*! Desculpa-te sendo em lingua que não entendes.) Expedio-se dem em 29 de Dezembro para se imprimirem, e tribuirem pelos Officiaes.

Não havia Livro Mestre: ignoravão-se as aguidados dos Officiaes (para que sabe-las, se as moções erão....!) ignoravão-se seus serviços e até onde existião. Ordenou-se por Portaria de Dezembro que se formasse Livro Mestre; e tro sim que o Intendente da Marinha fizesse extrahir dos Livros da Contadoria huma relação dos rurgios, Voluntarios, e Pilotos da Armada.

Por Portaria de 11 de Dezembro mandou-se cluir a obra dos Armazens, e Telheiros do nal. (12)

Por Portaria de 12 de Dezembro se ordenou Inspector do Arsenal que desse huma relação Navios de guerra declarando o fabrico de que provavão, e orçamento da sua despeza; isto naturalmente para dormir sobre o cazo.

Não havia ordem, nem systema no serviço Esquadra, requerendo cada individuo, on repetendo como bem lhe parecia. Por Portaria de Dezembro ordenou-se ao Primeiro Almirante que das as representações, e participações que hiessem de subir á Presença de S. M. I. se fizessem via do mesmo Primeiro Almirante.

Praticavão-se roubos a bordo dos Navios zados: ordenou-se em data de 18 de Dezembro o Inspector do Arsenal mandasse ancorar esses vios em lugar separado, e dar todas as providencias para evitar-se o extravio dos generos apreçados.

Não se distribuia o Santo pelos Navios quadra, vindo huma Officiaes recebe-lo, e outro Por Portaria de 19 de Dezembro ordenou-se ao Almirante, que mandasse todos os dias hum ás 10 horas da manhã ao Quartel General a rinha para receber o dito Santo, e distribui los mais Navios da Esquadra.

(10) Excepto o Commandante Taylor, sua Fragata fez tremolar o Pavilhão Imperial sobre as costas de Portugal.

(11) Isto quer dizer que estava desorganizada ahi começa o lethargo do Ministerio augmentando já o numero de embarcações: providente malorra, que tanto se padece somno de Epimenides!

(12) Não admira lembrando-nos que se tirarem as armas Portuguezas, e por isso do Imperio do Brasil, foi necessario apparecer hum N.º do Correio, huma correspondencia assim em fallha a actividade dessa es

(6) Isto he, lá para a Estrella, e ha seis mezes.

(7) Se o não dissesse a Estrella, por certo que ninguém, se quer, o presumia.

(8) Entenda-se que a de guerra; os mercantes erão todos romcciros, por isso vierão tantos cá parar.

(9) Porque tudo de leva arriba se por de

Não havia disciplina na Esquadra (e os corpos sem disciplina são mais temíveis que uteis; he sentença se bem me lembro, de Vegecio) como he manifestado pelas muitas desordens a bordo dos Navios, e multiplicados Conselhos de Guerra. Vinhão a terra luns sem licença, outros a excessão. Ordenou-se ao 1.º Almirante por Portaria de 24 de Janeiro, que mandasse proceder a prisão contra aquellos que assim o praticassem.

Despachavão-se Navios sem levar Pilotos aprovados (contra a Lei) por dispensa da Secretaria de Estado. (capiú! Ainda nos faltava mais esta nova especie de Legislador!) Fez-se observar a Lei obrigando os ditos Pilotos a exame, e acabou o abuso.

Por Portaria de 2 de Janeiro mandão-se examinar todos os barcos, e numerar-os; declarando os nomes dos donos, habitações, ancoradouros, que agora demandão, comprimento, boca, e pontal, para serem empregados quando, e como pedirem as circumstancias: devendo-se comprar dez dos de Aguas-sú para se armarem em canhoneiras. *Lethargo, lethargo.*

Faltava-se continuamente com os Mapas do Estado dos Navios, e suas guarnições. Expedio-se Portaria em data de 3 de Janeiro ao 1.º Almirante para que fizesse remetter á Secretaria de Estado os Mapas de que se trata, em todas as terças, e sabba-dos de cada semana.

Por Portaria de 10 de Janeiro mandou-se pôr a disposição do Tenente Coronel Paula, hum cahique, e mais embarcações, que elle requeresse para conduzir petrechos de Guerra para as diferentes Fortificações da costa.

Por Portaria de 23 de Fevereiro mandou-se fazer o concerto dos Quartéis do Batalhão de Artilharia de Marinha na Ilha das Cobras, os quaes estão inteiramente arruinados, de maneira que havendo-se orgão no Ministerio antecedente a sua despesa em 600 a 800\$ rs. acha-se agora avaliada em 2000\$ rs. a que não teria subido, se então se houvessem feito os reparos, que precisavão.

Não se havia dado á Esquadra da Bahia as indispensaveis instrucções sobre prezas, do que tem resultado queixas e desordens de toda a grandeza, especie entre as partes, e achar-se o Governo embaraçado, e comprometido a fazer sacrificios enormes.

Por Decreto de 21 de Fevereiro regulou-se provisoriamente o que deve praticar-se a respeito das prezas para serem julgadas com a maior brevidade possível.

Foi necessario mandar hum expedição naval a Pernambuco; immediatamente sahirão no dia 3 de Março as Fragatas Nicterohy, e Piranga, e o Brigue Bahia, mandando-se-lhe incorporar a Escuna titulante, que se achava na Bahia, e a Escuna Independencia ou Morte, em Pernambuco.

Sahio nesse mesmo dia a Charrua Gentil Americana para o Pará levando Officiaes para trazerem a fragata Imperatriz, para a qual tambem se remetteo inassames. Este Navio tambem fabricou para sahir.

Por Portaria de 3 de Março mandão-se renovar ao Inspector do Arsenal relações dos Indios, que se haviam mandado alistar para serviço das Canhoneiras.

Em 5 de Março mandou-se sahir para Montevideo o Brigue Real João; e sahio no dia 9.

Foi necessario reforçar a divizão de Pernambuco com embarcações menores. Immediatamente se terão sahir os Brigues Cacique e Guarani, e a Escuna Leopoldina; embarcações, que pouco antes avião chegado do Rio da Prata, e com a maior brevidade se apromptarão do que precisavão; e mesmo fizeram algum fabrico, para esta nova commissão.

A Curveta Maria da Gloria havendo chegado a Montevideo, mandou-se reparar, está prompta e armada. (13)

A Charrua Luconia sahio para o Havre em Novembro passado.

A Charrua Animo Grande tendo chegado do

(13) Já sahio.

Rio da Prata no 1.º de Março, e armadna, mandou-se logo apromptar; e está prompta; sendo a sua commissão levar mantimentos para a Esquadra de Pernambuco. (14)

Sahie juntamente o Bergantim Merui, chamado antes Nova Aliança, o qual se fez reparar, e apromptar. (15)

A Curveta Macaio que precisou reforma de construcção, está prompta, e aparchando ja.

Continua-se com a construcção da Curveta Caapista.

Tem-se remetido ordens para construir, e estabelecer Barcas canhoneiras em varios pontos da Costa, e portos, debaixo da direcção do habil Tenente Coronel Dunchivard.

Nomeou-se hum Inspector de côrtes de madeira para a Ilha de S. Sebastião.

Encomendão-se Barcas de vapor para Inglaterra, não só para canhoneiras, mas para estabelecer a correspondencia entre as Províncias do Norte. (16)

A despesa da Secretaria de Estado, que no trimestre do anno passado importou em 713\$720, e em todo o dito anno em 2:175\$720, montou no primeiro trimestre deste anno a 357\$982 advertindo que nesta somma entrário 59\$000 rs. divida do anno antecedente.

Faltando Soldados para os destacamentos dos Navios de Guerra, e prehendendo-se esta falta com Soldados do Exercito, mandão-se egregar ao Batalhão de Artilheria de Marinha 400 praças do Batalhão de Artilheria de Posição, as quaes se achão na Náo Vasco da Gama, aonde se lhes ensina todos os dias o exercicio de Artilheria Naval.

Por Portaria de 11 de Fevereiro mandou-se dar ao Batalhão de Artilheria de Marinha, e aos aggregados, a etape, como se praticava com os Corpos do Exercito.

Por Decreto de 21 de Fevereiro fizeram-se extensivas aos Officiaes da Armada, e Batalhão da Artilheria de Marinha as Disposições dos Decretos a favor dos Officiaes do Exercito relativamente ás suas Patentes.

Eis hum resumo das mais essenciaes providencias dadas no espaço de seis mezes; que mais fez o Ministerio passado?

Convém advertir que todas as forças navaes fructo da actividade, e movimento achão-se armadas, e mesmo algumas outras embarcações, que ociosas fora mencionar, e de que o Redactor da *Estrella* pode informar-se, quando para tratar desse assumpto quizer fazer-nos a mercê de ser menos superficial.

A outra Não de que falla no seu N.º 76, he o Affonso de Albuquerque, que mandando-se examinar se podia ainda soffrer concerto, julgou-se não merecer que se fizesse com ella despesa alguma, pela pouca duração, que prometia.

Falla a *Estrella* de *chicanos* com que se tem faltado aos ajustes contrahidos com os marinheiros estrangeiros. A isto só se responde com a Portaria de 3 de Janeiro pela qual se ordenou ao Intendente de Marinha fizesse pagar aos marinheiros, e Grumetes dos Navios de Guerra o que se lhes dever de suas soldadas conforme os ajustes, com que entrarão no Serviço: se esses ajustes não forão bem claros, e leaes, de quem he o erro?

Hum dos pontos em que consistio a actividade do passado Ministerio foi em reformar muita gente ainda capaz de servir: meter marinheiros estrangeiros com exorbitantes soldadas, e Officiaes Estrangeiros sem melhor exame, nem escolha: as conse-

(14) Idem.

(15) Idem.

(16) O passado Ministerio, que não precisava de ler para saber de tudo, ignorou que hum tal Periodico intitulado Sylpho, não morio á nascença, mas fallecido na dentição, tratou disto em o seu N.º 11: se a encomenda se houvesse feito então, já as teriamos.

quências, e que bem comprovão isto mesmo, he a falta de disciplina, que se tem observado na Esquadra; e que o digão os multiplicados Conselhos de Guerra a que o Governo, por *lethargia*, tem mandado proceder, devendo mencionar-se que são dez ou doze Officiaes de varias Patentes os implicados, e por diferentes culpas; huns por faltas de serviço, e de subordinação; outros (e quem dará credito a isto) por deserção; e hum por este mesmo crime com o appendicio de roubar a Escuna, que commandava.

Não deicha de ser curioso referir dois factos, de que o publico talvez não tenha completa noticia. He o primeiro que havendo hum levantamento abordo da Fragata Nicterohy, no qual he fama que o Commandante Taylor se portou com coragem, e com prudencia, qualidades, que não se excluem huma á outra, foi necessario para se restabelecer a ordem, e terminar o motim, que fosse a bordo o actual Ministro de Marinha, com o Inspector do Arsenal, e o Brigadeiro Commandante do Batalhão de Artilheria de Marinha; e não nos consta que ali apparecesse mais alguém.

He o segundo facto de igual importancia. Ordenou-se por Portaria de 13 de Fevereiro, que passassem de bordo da Fragata Carolina para a Piranga as praças de marinlagem, que o Commandante desta Fragata requereesse; recommendou-se segunda vez a mesma ordem por Portaria de 29 do dito mez a fim de sahir a referida Fragata Piranga no dia 2 de Março para Pernambuco: consta-nos que se repugnou á execução da ordem, a ponto de ser preciso que S. M. I. que tinha ido ver sahir a expedição, notando esta falta, fosse Elle mesmo com o Ministro de Marinha a bordo da Carolina fazer passar a gente precisa para bordo da Piranga.

Dissemos que todas as do passado Ministerio forças navas, e mais algumas preparadas pelo actual, se achavão armadas: diremos tambem que todas, ou quasi todas as primeiras tem feito novos fabricos, que necessitavão; entre ellas a Não Pedro I.ª que por *pericia* de navegação (conforme nos referir) chegou a este Porto sabe Deos como; tendo sondado com o leme huns lugares, que segundo entendemos era preciso marcar com exactão nas Cartas hydrographicas, e ali ao sul da Bahia.

E para que não nos accuzem de pouco escrupulosos, tambem advertiremos, que faltão com effeito, e ha de meus huns dois brulotes, que daqui fóra parecem-nos que nem arderão, nem queimarão; e como delles se não sabe, he de presumir que os tomasse com toda a subtilza entre as pontas dos dedos algum novo viajante da estrella Sirius, ou de Saturno para observa-los, e levar lá para esses mundos ideas precisas do que são brulotes.

Se não temos mais Fragatas, e mais Curvetas he porque o passado Ministerio não se lembrou nos seus desvelos do que occorreo ao presente no seu *lethargo*, pois nos consta, e de boa parte, que se trata de fazer compras, crémos que lá para o Norte da America: até pode ser que em breve seja nomeado hum Official habil para ir escolhe-las. Se antes dos somniferos seis mezes se houvesse tratado disto, agora es teriamos; porque Fragatas & Nãos &c. não se obtém com o *fiat*, n'um momento.

Sabemos que o actual Ministerio teve em seu permanente sonno humna visão, isto he, que hum lugar havia proprio para edificar hum dique, objecto de primeira necessidade, e que os vigilantes não tinham visto: razoes temos para crer que este sonho será differente dos que tinha o discipulo de Socrates; ha-de realisar-se, e não ficar em planos.

O Redactor da Estrella dejeza que não se diga que no Ministerio de Francisco Villela Barbosa teve decadencia a Marinha Brasileira: o Publico deicia á vista do expendido se as accusações dos N.ºs 76. e 86. são justas, e como se concilião com os finos elogios do N.º 88: diga então o Publico para satisfação do qual isto escrevemos, se o periodo decadente

pode chegar, quando com actividade sem precipitação; com prudencia sem medo, e com serios meditações se cuida do periodo augmentativo. Illustrissimos Senhores Redactores, se alguém duvidar do que fica referido, e de mais algumas particularidades, que ainda omitto, tenha, para certificar-se o trabalho de pesquisar, bem como o fez

Rio de Janeiro 29 de Maio.

Hum Curioso

P. S. Projectava não remeter aos Illustrissimos Senhores Redactores esta correspondencia, se observasse que a *Estrella* não continuava a ser eco tal vez de informações insidiosas; porém vindo que em o N.º 94 nos annuncia a sua *satisfação* por saber que reina no Arsenal humna *certa* actividade, reconheci ser conveniente dar idea do que se tem feito (posto que não será mesmo ainda assim a bom contento desse Sr. Redactor, a quem julgamos que nem todas as actividades agradão) acrescentando a que deichámos dito mais outras providencias do doctamente Ministerio, e que depois obtivemos saber são as seguintes.

Mandou-se dar soldo dobrado aos Soldados do Batalhão de Marinha, que fizerem tambem o serviço de marinheiros. (*Não sabemos se o Sr. Redactor da Estrella attinará com o fim desta providencia.*)

Mandou-se vir Indios das differentes Aldeias para o serviço do Arsenal, e dos Navios de guerra. Manda-se pôr no Estaleiro da Bahia humna quilha para hum Não de 74.

Outra no Pará para humna Fragata, de que se remetteo o desenho.

Ordenou-se que de todas as Provincias se enviassem todos os annos mapas, ou relaçoens dos indivíduos, que se empregão na vida maritima, quer em navegação do alto mar, quer na de cabotagem, assim como nas pescarias. (*Destes clementes estatística de marinha, não nos consta que houve sem na competente Secretaria de Estado ainda agora as mínimas necoens: ora na verdade estas suas vistas havião sido as precedentes sobre este objecto!*)

Ordenou-se igualmente o mandarem relaçoens de barcas, e correios, e quaisquer outras embarcaçoens do Estado existentes em cada Provincia, declarando em que estado se achão, e em que se occupão.

Apropria-se a Fragata Imperatriz.

Comprou-se para armar em guerra o Leal Portugal, e a Escuna Pará.

Mandou-se regular os soldos dos Officiaes da Armada pelo do exercito, segundo a correspondencia de patentes (*Ora pois, já houve quem se lebrasse do que o serviço he o mesmo, se não he mais relevante, e que não deião ser huns filhos outros enteados.*)

Em quanto não vem as embarcaçoens de viapora, expedir-se ordens para se armarem no Pará as Escunas Carolina, e Andorinha para na qualidade de correios fazerem a comunicação com a Capital do Imperio.

Ordenou-se que ou se construíssem, ou se comprassem, não permitindo o tempo a primeira medida, quantas embarcaçoens fossem precisas, e proprias para se armerem em canhoens.

Terminarei dizendo que para quem não quiser parcial, já isto não he pouco; e o tempo i mostrando como se dorme neste tanto tão precioso da publicia administração.

Illustrissimos Senhores Redactores, peido por este incómodo, e pelo que talvez ainda tome dar-lhes, se a Sr. *Estrella* sobre ser tão diligente for tambem recalcitrante.

14 de Junho.

PROCLAMAÇÃO.

Pernambucanos, amigos, e Patricios. O dia 22 deste foi para todos nós um dia de dó, e de luto. Vos vistes os nosos irmaons, que vigiavaõ pela nosa segurança, serem perdidamente sorprendidos, e massacrados pela gente do sclerado Joaõ Taylor, vil escravo do Imperador. Vistes, que o nome sagrado de *amigos*, foi a mascara, com que os infames encobriãõ a mais negra aleivozia, que traziaõ nos corruptos corasoens; este é o espirito, e a marcha dos malvados, e dos cobardes, que por tantas vezes vos tem querido fascinar com as iluzorias promesas de amnistia, de amizade do Imperador, e de gratificasocens aos que lhe entregarem a cara Patria, e aqueles, que a defendem, e se empenhaõ por livrar vos da edionda escravidãõ. Atentai este successo, e tirai de uma vez a venda, que a alguns ainda encobre a verdade; acautelai vos das seducsoens do Engano, e das atrocidades dos malignos satelites do Imperador. O desastrozo successo da bordagem na embarcaõ do noso Registo tocou os corasoens mais ferrenhos; execrasãõ a todo aquele Pernambucano, que o vio com olho pacifico, e indifferente! Maldisaõ á um semelhante monstro, se existe entre nos! Mas, Pernambucanos amigos, se a Razaõ naõ rectificar nosa sensibilidade, e nos deixarmos arrastar do primeiro impeto da vingansa, nada menos veremos, que as desgrasas, e os orrores da guerra civil, que em vez de nos indemnizar das perdas pasadas, acarretaria novas. É portanto necesario, que nos mostremos racionais, e justos, para naõ sermos tachados pelas Nasoens estrangeiras, pelos nosos inimigos, e justiceira Posteridade, de uma Orda de Salvagens. ou covil de feras. A vingansa privada foi sempre prohibida por todas as Leis, em todo tempo, e em toda forma de Governo. Vingai a offensa dos vossos direitos, puni os males feitos á Patria, tendes para isto inalienavel direito; marchai porem á vingansa pela estrada da Razaõ, da Ley, e da Justisa, marchai debaixo da direcãõ do voso Governo, e das Auctoridades constituídas: fora desta linha só Vos-topareis com o precipicio, com a ruina, com a desonra: um tal termo será uma nodoa indelevel no respeitozo Nome Pernambucano! Pague o malvado a malignidade de seos crimes; respeitai porem nos outros a inocencia, e falta de culpa; e quando dos mesmos inimigos tomardes a vingansa legal, seja sempre sem vos manchardes com os crimes, que neles detestais. Esta é a conducta das almas nobres, e naõ deve de ser outra a dos briozos corasoens Pernambucanos: O Governo ja tem mandado prender os Comandantes da Fortaleza do mar, e do Registo, que naõ estando em seos postos deraõ occasiaõ á aquele massacre; eles serão punidos na forma, e rigor das Leis: o Governo tem encarregado á Policia de examinar, e conhecer dos inimigos occultos, que vivendo com nosco nos estaõ solapando, e cavando a ruina; e ficai certos, que todo aquele, que for achado nos ser perigozo, será reduzido á impossibilidade de obrar, ou pela prizaõ, ou pelo exterminio; e naõ se lhe dará quartel; sofrerá irremisivelmente a justa punisaõ da sua inimizade, e perfidia; ja perderaõ o direito á brandura da acsaõ do Governo, e á generosa magnanimidade Pernambucana. Tranquilizai vos pois; temei as Leis, confiai no Governo, respeitai, e obedeei as Auctoridades constituídas. Ajuntai o voso zelo, actividade, e patriotismo ao zelo, vigilancia, e patriotismo do Governo. Ele marchará diante de Vos nos perigos maiores em defeza da Patria, pois so teme a desonra presente, e a reprovasaõ da Posteridade. Estes saõ os sentimentos, que nos mercarãõ á todos a immortalidade. Viva a Santa Religiãõ Catholica, Apostolica, Romana! Viva a Soberana Nasaõ Brasileira! Viva o Imperador em quanto for Liberal, e Constitucional! Viva o Valente, e Justo Povo Pernambucano! Viva! Viva! Palacio do Governo 25 de Junho de 1824.

Manoel de Carvalho Paes d' Andrade.
Presidente.

73-341
CB
P8539
1810
1
1-512E
V.I

seu poder todas as Attestações necessárias de boa conducta, exacção, e prestimo durante o seu emprego na Secretaria da Intendencia, como Official e Interprete; e que se requereu a Demissão do Lugar, foi por lhe parecer desairoza a conservação de hum Lugar Publico aonde elle foi tratado tão mesquinamente, tendo sempre cumprido os seus deveres, e sujeitado-se até a servir lugares que jámais lhe poderião pertencer.

REQUERIMENTO.

SENHOR.

Diz Luiz Sebastião Fabregas Surigué, que achando-se desde 19 de Agosto de 1823 empregado em a Secretaria da Intendencia Geral da Policia na qualidade de Interprete e Official della, e tendo servido desde o seu ingresso até meado do mez de Maio proximo passado, teve então o grave desgosto, e desairoza sem-aboria de se ver quasi que insensivelmente envolvido na embrolhada que deo occasião á Portaria do Ministerio da Justica de 19 de Maio de 1824, que por isso que já foi levada á Augusta Presença de V. M. I., torna inutil nova exposição, visto que nella teria o supplicante de replicar contra a maneira pouco decente, e menos liza com que se procurou indispor o Animo de V. M. I. contra o supplicante: E como que em huma tal situação, e á vista da educação do supplicante, e sua constante conducta, se torna inconsistente com o seu modo de pensar, e de orçar as vantagens e interesses desta vida, continuar a servir no Lugar onde teve de experimentar tão sensivel dissabor; — Pede a V. M. I. Se Sirva Ordenar-se lhe dê demissão do Lugar de Interprete e Official da Secretaria da Policia; Lugar nunca por elle requerido, e que lhe havia sido conferido pela mui reconhecida concorrência de circumstancias, de prestimo, e boa conducta, reservando-se o direito de se offerer a V. M. I. para bem do Serviço Nacional, e na extensão das suas forças; protestando humildemente contra a maneira verdadeiramente desabrida, com que se procurou agravar na Presença de V. M. I. hum simples desforço contra o augmento de Serviço Oneroso e com cláusulas desairosas, como se jámais fosse, ou tivesse sido necessario, estimular o supplicante no desempenho de seus deveres, desempenho não só publico e notorio, como attestado pelas Autoridades com quem lhe coube servir. Roga, por tanto, a V. M. I. Se Digne Ordenar-se dê ao supplicante a demissão requerida. E R. M.

Luiz Sebastião Fabregas Surigué.

RIO DE JANEIRO 1824. NA TYPOGRAPHIA DE TORRES.



